

METÁFORAS NO JORNALISMO: RECURSO ESTÉTICO OU NECESSIDADE DISCURSIVA?

Letícia Martins Monteiro de Barros
Mestrado/UFF
Orientador: Solange Coelho Vereza

Introdução

A metáfora, por muito tempo, foi considerada mero recurso estético, sendo, dessa forma, subestimada quanto ao seu papel na construção de sentido e à sua presença em discursos cotidianos. Aristóteles, por exemplo, ressaltava a questão da transferência da metáfora, segundo a qual o nome de uma coisa era transferido à outra. (VEREZA, 2012, p. 60)

Em oposição à visão tradicional, que relegava a metáfora às linguagens poética e argumentativa, Lakoff e Johnson (1980 [2003]) vão sugerir que a linguagem metafórica é, em grande parte inconsciente, estando entranhada não só na linguagem, mas no pensamento e na ação. Sua utilização seria fruto das experiências corpóreas e culturais do indivíduo, o qual consegue conceptualizar e experienciar uma coisa em termos de outra.

Pretende-se verificar, neste trabalho, se o uso da metáfora nos gêneros jornalísticos corresponde a um recurso estético ou se serve a um propósito discursivo-argumentativo. Para isso, serão analisados textos jornalísticos sob o viés da Teoria da Metáfora Conceptual, proposta por Lakoff e Johnson (1980 [2003]), não sem construir um panorama contrastivo em relação à visão tradicional da metáfora, que simplificava sua definição e a caracterizava como um recurso apenas estético, relegado especialmente à poesia e à retórica.

Parte-se da hipótese de que o uso da metáfora no jornalismo é, muitas vezes, inconsciente e dificilmente percebido como tal devido ao fato de algumas construções metafóricas serem típicas do cotidiano, podendo até mesmo ser consideradas como

lexicalizadas. Sendo assim, a metáfora no jornalismo serviria mais aos propósitos de construção de sentido do que propriamente aos fins estéticos.

A visão tradicional da metáfora

Já na Antiguidade Clássica, é possível encontrar pensadores que se interessavam pela linguagem e, nesse ambiente, especialmente no que diz respeito à metáfora, tem destaque Aristóteles¹, quem, em suas obras, primeiro na *Poética* e também na *Retórica*, demonstrou interesse em explicar o que entendia por esse termo. De maneira geral, o filósofo classifica a metáfora como um recurso através do qual se transfere o nome de uma coisa a outra.

Esse aspecto de transferência deriva da própria etimologia da palavra, como explica Mendes, citado por Vereza:

Etimologicamente, o termo metáfora deriva da palavra grega *metaphorá* através da junção de dois elementos que a compõem - *meta* que significa “sobre” e *pherein* com a significação de “transporte”. Neste sentido, metáfora surge enquanto sinônimo de “transporte”, “mudança”, “transferência” e em sentido mais específico, “transporte de sentido próprio em sentido figurado”. De fato, e tendo como base o significado etimológico do termo, o processo levado a cabo para a formação da metáfora implica necessariamente um desvio do sentido literal da palavra para o seu sentido livre; uma transposição do sentido de uma determinada palavra para outra, cujo sentido originariamente não lhe pertencia. (MENDES, 2010, *apud* VEREZA, 2010, p. 201-202)

Umberto Eco, ao expor as definições tradicionais da metáfora, afirma que sempre há divergências ao se tentar explicar seu significado e, além da questão da transferência, os dicionários costumam classificá-las como uma substituição de um termo ou sentido por outro. O autor cita como exemplos de definições: “Figura pela qual se dá a um vocábulo um significado que não é o seu próprio”; “Transferência do nome de um objecto a outro por relação de analogia”; “Substituição de um termo próprio por um termo figurado”, entre outras (ECO, 2001, p. 159).

A mesma questão também é discutida por Ritchie. De acordo com o autor (2013, p. 4-5), a metáfora tem sido vastamente definida, tanto por dicionários quanto pelos demais autores tradicionalistas, em termos de substituir uma palavra por outra de

¹ Leesenberg (2001, *apud* VEREZA, 2010, p. 202) ressalta, no entanto, que não se pode atribuir a Aristóteles a origem da visão tradicional da linguagem, uma vez que o filósofo não chegou a propor uma definição clara e sistemática de metáfora capaz de ser considerada como “teoria da metáfora”.

sentido aparentemente diferente, comparando uma ideia a outra, criando implícita analogia ou símile. Ritchie dá exemplos dessa visão tradicional, citando Aristóteles, que via a metáfora como uma comparação implícita, baseada nas regras de analogia, e Kövecses, para quem a metáfora é uma figura de discurso em que uma coisa é comparada a outra ao afirmar que uma é a outra. Tradicionalmente, portanto, a utilização da metáfora baseia-se em qualidades comuns a duas entidades que podem ser identificadas e comparadas, sendo usadas principalmente para atender a propósitos estéticos e/ou retóricos.

Um ponto comum entre tais autores é, segundo Vereza, considerar o lócus da metáfora como sendo a linguagem, e essa visão simplista acarreta em consequências ao papel relegado a ela no discurso. A autora explica que:

Isso implica que o uso figurado não tem um papel central na produção de sentidos, uma vez que não estabelecerá uma relação direta entre realidade, conceito e palavra, que seria o caso do sentido literal. Esse sentido seria, no nível da linguagem, “distorcido”, ao se usar um termo no lugar de um outro, trazendo, nesse transporte, conotações próprias do conceito “emprestado”, que interfeririam no sentido daquilo a que se quer referir. Uma das implicações do fato de se abordar a metáfora como “troca” de uma palavra por outra seria ver a figura como desvio do sentido correto, “próprio” de um termo. Como consequência, a metáfora passa a ser vista como um recurso supérfluo da linguagem, característico do discurso poético ou retórico, ambos não considerados usos “sérios” da linguagem, por não conterem sentidos “legítimos”. (VEREZA, 2010, p. 202)

Vereza acrescenta às causas da desvalorização da metáfora – além de sua concepção como mero recurso estético – a visão de linguagem figurada como equívoco, anomalia ou desvio, a qual é discutida por Hobbes. Nas palavras deste autor, “toda metáfora é, por sua natureza, equívoca” (HOBBS, 1839, [2005], p. 8, *apud* VEREZA, 2010, p. 203), uma vez que os sentidos por ela evocados são vários. Em contrapartida, nomes unívocos são aqueles que denotam sempre a mesma coisa.

A abordagem tradicional foi bastante discutida e criticada, especialmente por se mostrar insuficiente para justificar certos fatos na língua. Assim, novas concepções sobre metáfora foram surgindo na tentativa de explicar como tal recurso, considerado por muito tempo apenas estético e supérfluo, ocorria não só em textos poéticos e retóricos, como também no cotidiano, nas interações sociais e em outros gêneros discursivos.

Teoria da metáfora conceptual

A metáfora segundo Aristóteles – representante da visão tradicional –, como exposto anteriormente, diz respeito, de forma geral, à transferência de um nome de uma coisa para outra, baseada nas similaridades entre ambas. Era vista como recurso estético, usada apenas em textos poéticos ou discursos retóricos, sendo desconsiderada, portanto, a sua relevância na construção de sentidos.

Porém, com a influência dos estudos de Lakoff e Johnson (2002), essa visão foi modificada, e a metáfora passou a ser enxergada em outros contextos, não mais como uma figura de linguagem, mas também de pensamento e ação. Esses autores afirmam que o recurso metafórico faz parte do dia a dia das pessoas e está muito mais presente do que se é percebido: “nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual pensamos e agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza”² (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 3, tradução nossa). Essa proposta é conhecida como Teoria da Metáfora Conceptual.

No livro *Metaphors we live by*, esses autores explicam que nosso sistema conceptual ordinário em termos do que pensamos e agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza e, já que a comunicação é baseada no mesmo sistema conceptual que utilizamos para pensar e agir, a linguagem seria uma fonte de evidência de como esse sistema funciona. Dessa forma, o lócus da metáfora é deslocado da linguagem para o pensamento.

Lakoff e Johnson, com a finalidade de ilustrar sua teoria, apresentam a metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA. Eles afirmam que a prova de que conceptualizamos uma discussão em termos de guerra pode ser obtida por meio do léxico que utilizamos em construções corriqueiras como “*atacar* o argumento de alguém”, “*defender* um ponto de vista”, “*ganhar/perder* uma discussão”, “ter um *conflito* de ideias”, e assim por diante. Em suma, os exemplos dados pelos autores “são usados como ‘provas linguísticas’ da metáfora em questão, que, do ponto de vista epistemológico, não passaria de uma hipótese” (VEREZA, 2010, p. 207). Os autores defendem, ainda, a ideia de que, se em alguma cultura, discussão fosse estruturada em termos de dança, provavelmente o léxico da língua refletiria essa concepção de mundo: “em tal cultura, pessoas veriam discussões diferentemente, experienciaríamos

² Trecho original: “*Our ordinary conceptual system, in terms of which we both think and act, is fundamentally metaphorical in nature*”.

diferentemente, conduziram-nas diferentemente, e falariam sobre ela diferentemente”³ (LAKOFF & JOHNSON, 2003, p. 5, tradução nossa).

É possível então afirmar que Lakoff e Johnson entendem as experiências corpóreas e culturais como fatores definidores da forma como conceptualizamos o mundo ao nosso redor e que isso será refletido na linguagem. As metáforas conceptuais e seus desdobramentos lexicais utilizados diariamente nas mais diversas situações comunicativas são indícios de que, de fato, experienciamos e, conseqüentemente, conceptualizamos uma coisa em termos de outra.

Em suma, portanto, Lakoff e Johnson contrariam, por meio do livro *Metaphors we live by*, a visão tradicional da metáfora, afirmando que ela não deve ser concebida apenas como uma questão linguística, de meras palavras. Esses autores argumentam que o sistema conceptual humano e seus processos são metaforicamente estruturados e definidos e, por isso, as expressões na língua são possíveis.

Entretanto, apesar de representar uma mudança considerável em relação à perspectiva sobre metáfora, destacando a sua importância na construção de sentido, a obra de Lakoff e Johnson foi bastante criticada por apresentar exemplos inventados e descontextualizados. Estudos posteriores passaram, logo, a buscar a confirmação da teoria da metáfora conceptual em exemplos reais extraídos da língua em uso.

Dessa forma, passou-se a investigar a linguagem figurada em determinados gêneros textuais, em corpora gerais ou específicos e, a partir desses dados, identificar as metáforas conceptuais subjacentes (como, por exemplo, em KOVECSES, 2002). Em outras palavras, a linguagem, vista, em um primeiro momento, como secundária por teóricos cognitivistas, recuperou seu estatuto epistemológico. Apesar deste reenquadramento analítico, a linguagem, neste momento de nova “virada”, era ainda considerada como fonte de dados e não como lócus da metáfora (VEREZA, 2010, p. 207).

Nesta pesquisa, tal obra será tomada como base para a análise da metáfora, porém os dados analisados serão reais, extraídos de textos jornalísticos que foram, de fato, veiculados.

O gênero jornalístico e a metáfora: análise dos dados

Antes de explicar as características do texto jornalístico, é necessário estabelecer o que se entende por gêneros textuais. Para isso, será utilizada a explicação

³ Trecho original: “*In such a culture, people would view arguments differently, experience them differently, carry them out differently, and talk about them differently*”.

sugerida por Koch (2015), baseada nas noções de Bakhtin sobre a utilização da língua e sua função discursiva em sociedade. Segundo esse pensador,

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana [...]. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo temático e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Assim sendo, todos os nossos enunciados se baseiam em formas-padrão e relativamente estáveis da estruturação de um todo. (BAKHTIN, 1953, p. 179, *apud* KOCH, 2015, p. 153)

Essas construções-padrão, segundo Koch, constituem os gêneros, enunciados que se unem para formar estruturas maiores cujas características temáticas, composicionais e estilísticas são próprias e bem definidas dentro de um contexto sócio-histórico. A autora acrescenta que, devido ao fato de as esferas de utilização da língua serem extremamente heterogêneas, assim também serão os gêneros, “compreendendo desde o diálogo cotidiano à tese científica” (KOCH, 2015, p. 153).

O texto jornalístico, por exemplo, pode ser englobado por essa noção de gênero, uma vez que, para atender à função primordial de informar o público ao qual se destina, precisa ser estruturado de forma específica, convencionalizada socialmente, obedecendo aos padrões próprios de temática, composição e estilo de sua categoria. Através dele, informações são transmitidas à população, como uma espécie de serviço social prestado. Echaniz e Pagola (2007, p. 49) discutem o papel do jornalista, afirmando que “o profissional da comunicação responsável, aquele que exerce bem sua profissão, possibilita a plenitude do direito humano à informação”. E, em se tratando do público a que a mensagem jornalística se destina, Nilson Lage (1999) reconhece a heterogeneidade da massa receptora e afirma que o texto jornalístico deve ser construído de modo a ser compreendido por todos. Segundo o autor, a linguagem do jornal deve ser trabalhada de forma simples e compreensível aos receptores da mensagem, visto que estes recebem grande quantidade de informação a todo instante.

Opinião semelhante sobre as características da linguagem jornalística é encontrada no livro *Teorias do Jornalismo*, de Nelson Traquina. Para este autor (2005, p. 46), o fato de o jornalista precisar se comunicar com um público heterogêneo, isto é, formado por indivíduos de diferentes classes sociais, faixas etárias, escolaridades, etnias, ideologias etc., faz com que sua linguagem seja pensada de modo a atingir o

maior número de pessoas possível. Traquina estabelece, portanto, que a linguagem jornalística deve possuir os seguintes traços que a tornam mais compreensível: a) frases curtas; b) parágrafos curtos; c) palavras simples; d) sintaxe direta e econômica; e) concisão; ef) utilização de metáforas para incrementar a compreensão do texto.

No último traço destacado por Traquina, nota-se que o autor agrega à metáfora a função de auxiliar a compreensão do texto por parte do leitor. Possivelmente, ele se refere às palavras ou expressões empregadas figurativamente que são facilmente reconhecidas como metafóricas, tanto pelo próprio jornalista quanto pelo seu público-alvo. Uma das funções desse uso deliberado seria tornar o texto mais claro ao associar conceitos – geralmente um mais abstrato, de sentido complexo, a um mais concreto e de fácil entendimento. Esse recurso se dá pela transferência conceptual de aspectos do domínio-fonte para o domínio-alvo.

Entretanto, retornando à teoria de Lakoff e Johnson, existem muito mais palavras empregadas com sentido metafórico do que se é percebido, e os jornalistas fazem uso delas não só com o propósito consciente de facilitar o entendimento de seu texto, mas por não haver no léxico opção melhor que supra tal necessidade discursiva.

Observemos alguns exemplos extraídos de títulos de notícias:

- (1) “Cara Delevigne *mistura* moda e empoderamento feminino em campanha”⁴
- (2) “Sul-africano é ouro nos 400m e *quebra* recorde mundial de Michael Johnson”⁵
- (3) “Vendas mundiais do Nintendo 3DS ultrapassam 60 milhões de unidades”⁶

Em (1), os conceitos abstratos *moda* e *empoderamento feminino* foram conceptualizados em termos de elementos concretos passíveis de serem mesclados – tendo como uma das formas possíveis a metáfora conceptual MODA E EMPODERAMENTO FEMININO SÃO LÍQUIDOS –, como, por exemplo, tintas de cores diferentes que, quando misturadas, dão origem a uma nova cor ou tonalidade. Da mesma forma, os elementos *moda* e *empoderamento feminino* foram “misturados” a fim

⁴ Fonte: [<http://gq.globo.com/Musa/noticia/2016/09/cara-delevigne-posa-sensual-para-campanha-de-empoderamento.html>]. Acesso em 26/set/2016. Grifo nosso.

⁵ Fonte: [<http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/atletismo/noticia/2016/08/sul-africano-bate-recorde-mundial-dos-400m-e-ganha-ouro-no-rio.html>]. Acesso em 26/set/2016. Grifo nosso.

⁶ Fonte: [<http://br.ign.com/3ds/27654/news/vendas-mundiais-do-nintendo-3ds-ultrapassam-60-milhoes-de-un>]. Acesso em 26/set/2016. Grifo nosso.

de, como unidade, configurar o aspecto que se quis dar à campanha. A palavra *mistura*, portanto, foi empregada com sentido metafórico, ainda que seja difícil identificá-la como tal devido à familiaridade do termo.

O mesmo ocorre no título seguinte. No exemplo (2), recorre-se à metáfora conceptual RECORDE É OBJETO, isto é, o conceito de *recorde* é associado a um objeto quebrável. Ainda que não seja percebido pelo senso comum como metáfora, o termo *quebra*, nesse contexto, possui sentido figurado.

Em (3), VENDA É CAMINHO. O sentido do termo *ultrapassa* pressupõe a concepção de que há um caminho a ser percorrido, visto que há um ponto definido (60 milhões de unidades) que em algum momento da trajetória foi alcançado e “ultrapassado”. Trata-se, então, de uma utilização metafórica do termo: não há um deslocamento espacial e uma ultrapassagem física, mas sim uma abstração de tais conceitos que permitem a conceptualização de *venda* como um percurso.

Tais ocorrências não se fazem presentes só nos títulos das notícias. É o caso dos exemplos (4), (5) e (6), retirados do corpo do texto jornalístico:

(4) “A Versace anda em uma fase pé no chão muito bem-vinda, e seu verão 2017 segue a toada de Donatella, que exercita a *mistura* de alfaiataria com esporte de maneira delicada.”⁷

(5) “Neste fim de semana, ele participou da competição Viking Mais Forte do Mundo e conseguiu *quebrar* com dois passos um recorde considerado lendário no país nórdico.”⁸

(6) “A venda de ingressos dos Jogos Paralímpicos Rio 2016 *alcançou* a marca de dois milhões de bilhetes comercializados, a segunda maior da história dos Jogos, no fim da manhã desta quarta [...]”⁹

Como se pode observar, as metáforas conceptuais de (4), (5) e (6), encontradas no corpo do texto, são basicamente as mesmas dos exemplos (1), (2) e (3), respectivamente. Em (4), pode-se estabelecer que ALFAIATARIA E ESPORTE SÃO

⁷ Fonte: [<http://gq.globo.com/Estilo/Desfiles/noticia/2016/06/versace-faz-desfile-pe-no-chao-com-homenagem-prince-em-milao.html>]. Acesso em 26/set/2016. Grifo nosso.

⁸ Fonte: [<http://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/montanha-de-game-of-thrones-quebra-recorde-milenar-na-islandia-15239476>]. Acesso em 26/set/2016. Grifo nosso.

⁹ Fonte: [<https://www.rio2016.com/paralimpiadas/noticias/vendas-de-ingressos-ultrapassam-dois-milhoes-mas-ainda-da-tempo-de-curtir-as-emocoes-do-rio-2016>]. Acesso em 26/set/2016. Grifo nosso.

LÍQUIDOS, a partir do uso do substantivo *mistura*; em (5), RECORDE É OBJETO, pelo emprego de *quebrar*; e, em (6), VENDA É CAMINHO, devido ao uso do verbo *alcançar*. Todos os exemplos supracitados representam, portanto, não recursos estéticos para fins de embelezamento textual, mas de uma necessidade discursiva, uma vez que tais termos estão enraizados no uso cotidiano e são tão familiares aos indivíduos que provavelmente não são percebidos como metáforas.

Considerações finais

A metáfora, antes vista como simples recurso estético encontrado especialmente na poesia e na retórica, é, na verdade, uma figura não só de linguagem, como de pensamento e ação, uma vez que seu uso é resultado da forma como os seres humanos experienciam o mundo ao seu redor, associando conceitos que estruturam tanto o discurso quanto a própria cognição.

No jornalismo, certamente pode haver casos em que a metáfora seja empregada de forma consciente e se destine intencionalmente ao objetivo de facilitar a compreensão do leitor. É possível também que seja utilizada para fins estéticos, visando envolver o leitor com jogo de palavras e sentidos construído no texto. Não se deve, porém, resumir a metáfora a apenas isso.

Segundo a Teoria da Metáfora Conceptual, desenvolvida por Lakoff e Johnson (1980 [2003]), a língua fornece evidência da forma como o mundo é conceptualizado pelos indivíduos e, a partir dela, pode-se concluir que o sistema conceptual humano é amplamente metafórico. Experiencia-se, conceptualiza-se, verbaliza-se determinados fatos da realidade em termos de outros e, assim, a metáfora se mostra extremamente relevante para a construção de sentidos. O texto jornalístico, como se pôde observar, é fonte de metáforas, e estas, muitas vezes, passam despercebidas ao olhar não teoricamente informado. O uso de termos com sentido metafórico não pode ser reduzido a mero recurso estético; trata-se de uma necessidade discursiva.

REFERÊNCIAS

ECHANIZ, Arantza; PAGOLA, Juan. *Ética do Profissional da Comunicação*. São Paulo: Editora Paulinas, 2007.

ECO, Umberto. *Semiótica e filosofia da linguagem*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

LAGE, Nilson. *Linguagem jornalística*. São Paulo: Ática, 1999.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 2003.

KOCH, Ingedore Villaça. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Contexto, 2015.

RITCHIE, L. David. *Metaphor*. New York: Cambridge University Press, 2013.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo* (vol. II): A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

VEREZA, S. C. O lócus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e cognição*, Niterói, n.º 41, p. 199-212, 2010. Disponível em: [<http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/41/artigo10.pdf>] Acesso em: 15/set/2016.

VEREZA, Solange Coelho. Trajetórias da Metáfora: retórica, pensamento e discurso. In: VEREZA, Solange (org.). *Sob a ótica da metáfora*. Niterói: Editora da UFF, 2012, p. 25-63.